



Foucault e educação prisional: subjetividades entre as grades

POR CAROLINA CUNHA SEIDEL

carolinacseidel@gmail.com

Introdução

Qual a importância de estar numa sala de aula quando o que se vê são muros e um enorme vazio? A marca do presídio está na ausência. Ausência de perspectiva, ausência de vontade, ausência de planos e sonhos.

A educação prisional mantém uma estreita relação com o mundo do trabalho, é visto socialmente como uma das únicas formas de “recuperação” deste preso. A intenção é refletir sobre as possibilidades de encontrar um olhar emancipador voltado a essa educação. Compreender de forma mais ampla o sujeito que escolhe (ou não escolhe) voltar a ser aluno mesmo depois de um tanto de vida ter passado, quem são essas pessoas que mesmo sem incentivo ou projeto se dispõem a sentarem-se novamente em carteiras escolares e retomarem seus processos de escolarização e como se vêem esses sujeitos. Como os outros – em contexto familiar, educacional e comunitário - os enxergam também compõe a essência da pesquisa.

Para isso, traremos, num primeiro momento documentos e legislações que regulamentam a Educação de Jovens e Adultos e alguns dos números da educação prisional.

O autor italiano Giuseppe Ferraro, que em seus escritos fala sobre a Educação Prisional, Paulo Freire - um dos grandes nomes ao falarmos de educação de adultos, e Michael Foucault, fornecerão subsídios para compreendermos os conceitos propostos.

Na perspectiva foucaultiana, as relações se estabelecem por tensões, nas quais indivíduos assumem papéis determinados e determinantes. Faz-se necessário perceber, portanto, como atuam, quais são seus interesses e o que fundamenta suas práticas que



acontecem a partir do tecido de relações que vai sendo construído por e para cada um dos interessados, de que forma cada indivíduo “torna-se” sujeito.

Buscaremos no decorrer da pesquisa estabelecer estreito diálogo entre Freire e Foucault, e buscar as possibilidades por eles apresentadas no que diz respeito à constituição do sujeito e seus mecanismos.

A Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. O Estado tem o dever de garantir esse acesso de maneira ampla.

Se retomarmos brevemente a história da EJA no contexto brasileiro, veremos que esta apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Precisamos pensar no trajeto histórico da modalidade para buscar compreender o que temos hoje não como recorte, mas como materialização de um percurso, com interesses e objetivos políticos, econômicos e sociais, além de educacionais.

Numa penitenciária, cada gesto, cada momento, cada ato, é vigiado, regulado, controlado. Ao entrarem no presídio, os homens trocam suas vontades, suas vidas, por uniformes. Uma rígida rotina os lembra todo o tempo do que estão vivendo, e aos poucos, incorporam a cultura carcerária.

A escola aparece então como uma forma de encurtamento daquela estadia, uma vez que cada dia de aula equivale a dois dias a menos de pena, ou recompensas por bom comportamento, visando sempre a aquisição de benefícios através desta prática, ainda que este seja apenas ocupar o tempo ocioso.

Segundo a SAP – Secretaria de Administração Penitenciária, temos em nossos presídios a quarta maior população carcerária do mundo, distribuídos em mais de 900 unidades prisionais. A situação encontrada é precária, de superlotação, condições insalubres,



além dos vários problemas internos que acontecem por causa da convivência entre os presos, como a violência.

Pensando nisso, qualquer pista de algo que possa indicar uma melhora, ou uma perspectiva de saída, é aceita sem muito questionamento. Não há tempo, espaço ou condição para qualquer reflexão.

A educação deve, a princípio, levar ao desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, e é através destas habilidades que, segundo Paulo Freire, aprende-se a tomar decisões e fazer escolhas. Assim, ao contrário do que ainda acontece amplamente, a educação seria capaz de libertar ao invés de submeter, domesticar, e adaptar. Assim, o homem vai se transformando na medida em que muda sua realidade, se constrói na medida que integra seu contexto e se compromete.

O homem toma consciência de sua temporalidade, tomando assim consciência de sua historicidade, no instante em que percebe que não vive num eterno presente, mas sim num tempo feito de passado, presente e futuro.

A prática da liberdade só se torna eficaz a partir da participação livre e crítica dos educandos. Liberdade e criticidade em tal contexto não parecem possíveis, e a educação, através destas salas de aula, de certa forma pode criar pequenos espaços de resistência e liberação.

A Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a convivência da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal (FREIRE, 1999, p. 12).

Vemos que tanto Foucault como Freire, elencaram o poder e a liberdade como temas centrais em suas obras. Na busca incessante da explicitação dos sentidos dessas duas categorias, ambos produzem uma leitura crítica e densa do presente, ao mesmo tempo em que apresentam condições de possibilidades concretas de resistência ao poder e de manifestação da liberdade, mesmo em situações absurdas e extremadas de opressão.



Podemos considerar o cenário educacional de forma genérica como campo explícito de relações de poder, de estabelecimento de tensões, e sim, também de práticas de liberdade e criação.

O contato com os autores citados nos dá pistas de que, apesar de perspectivas diferentes, ambos se interessam intensamente pela tríade liberdade, poder, opressão. Liberdade e poder, em certo sentido, podem ser concepções antagônicas e, em outro, complementares. O poder opressor que suprime a liberdade, mas nunca a resistência, a liberdade como prática de enfrentamento do poder, o poder em sua materialização, e o contrapoder, ou seja, o empoderamento dos oprimidos. (MAFRA, 2008)

Foucault demonstra os limites e possibilidades da liberdade justamente quando fala do poder:

Microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção de suas formas locais, a seus últimos lineamentos têm como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 2003, p. XII).

Para Foucault, o poder em seu exercício, mesmo nas instituições totais, nunca é o poder total, absoluto:

A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2003, p. 241).

Da mesma forma, vemos em Freire a análise do poder através da conceituação da liberdade. Demonstra de que maneira a atitude opressora se impregna em opressores e oprimidos, revela a configuração do uso do poder não apenas em suas estruturas, mas em sua materialização:

O grande problema está em como poderão os oprimidos que 'hospedam' o opressor em si participarem da elaboração como seres duplos, inautênticos da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descobrem



'hospedeiros' do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (PAULO FREIRE, 1987, p. 32).

Nas obras dos dois autores vemos o poder colocado, primeiramente, como relação.

É no espaço das relações cotidianas que o poder se manifesta, se concretiza. As leis regulamentam, mas são as práticas disciplinadoras que sustentam o poder. Não estamos negando as estruturas objetivas promotoras de poder, mas sim, voltando o olhar para a esfera da subjetividade, que é onde, de fato, o poder se materializa.

A caixa de ferramentas foucaultiana nos fornece equipamentos consistentes ao combate a toda forma de poder. Foucault insiste sempre no combate a essa visão estruturalista dos aparelhos ideológicos do Estado. Sim, eles existem, estão aí em todo o lugar: escola, mídia, Igreja, instituições públicas em geral. Contudo, o Estado não tem corpo. Ele tem pessoas e símbolos que não agem a partir de um lugar, mas em múltiplas instâncias e formas concretas das práticas em nossa vida.

Assim, afirma Foucault:

O Estado não é mais do que uma realidade compósita e uma abstração mistificada, cuja importância é muito menos do que se acredita. O que é importante para nossa modernidade, para nossa atualidade, não é tanto a estatização da sociedade, mas o que chamaria de governamentalização do Estado (FOUCAULT, 2003, p. 292).

Para os autores, o poder só existe pela liberdade e ambos não se encerram no nível das estruturas. Vemos posições semelhantes no tocante à produção do saber, produzido pelo poder. Foucault, enveredando por uma fonte, diríamos “desprezada”, e Freire, recuperando o saber “ignorado”.

Se a questão do sujeito permeou a obra de Foucault, foi, como ele próprio avaliou, para dar início ao projeto de “promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos” (1995, p. 239). Nas palavras de Foucault:

[...] penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que



o sujeito se constitui através de práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2004, p. 291)

Dizemos então que assim ocorre o processo de subjetivação, nesta constante relação de incitação entre relação de poder e resistência. Afirmar então que a dinâmica das práticas que podem ser entendidas como resistência diz respeito à rupturas com o estabelecido, levando à configuração de outras formas válidas de existência, outros modos de ser.

A pesquisa aqui apresentada faz parte de um caminho já iniciado, onde cenários foram campo de investigação e reflexão sobre a questão da subjetividade, sempre buscando estabelecer, através da filosofia, significado e compreensão do contexto educacional não formal.

Tal caminho compreende a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia para crianças (GEPFC), coordenado pela Prof^a Dr^a Paula Ramos de Oliveira, e passa pelas ações de pesquisa e extensão realizadas em diversos contextos, tais como abrigo para crianças retiradas das famílias pelo Conselho Tutelar, escolas públicas do município e Fundação CASA.

O grupo já buscava um diálogo bastante próximo entre a filosofia e a literatura, poesia, música, enfim, entre a filosofia e a vida, buscando desta forma superar em alguns pontos algumas questões propostas por M. Lipman. Alguns materiais foram estudados e inclusive produzidos coletivamente, e tive a oportunidade de fazer parte do livro “Um mundo de histórias” 2004, Ed. Vozes, escrevendo duas das várias histórias que lá estão. Seguindo então esta proposta, me apropriei da metodologia que estávamos desenvolvendo, porém pensando em textos literários como fomentadores das discussões que viriam. Utilizei textos de Fiodor Dostoievski e também a reprodução de obras visuais de Pablo Picasso com adolescentes em privação de liberdade na Fundação CASA, com a intenção de compreender como acontece a constituição da subjetividade destes sujeitos, e como e quais mecanismos são por eles utilizados neste processo.



Como referencial teórico de análise, escolhi o autor Michael Foucault por acreditar ser quem melhor e com mais profundidade lidou com tais conceitos, no caso tanto a constituição da subjetividade quanto a questão da liberdade e suas formas de privação. E de fato a pesquisa foi capaz de trazer a tona diversas questões de fundamental importância quando pensamos num grupo crescente de adolescentes, que depois do período de internação retornará à comunidade, à escola, à família.

Neste momento, a escolha é voltar o olhar para adultos, presos, matriculados em salas de aula de EJA instaladas dentro de penitenciárias brasileiras, e a partir deste contato, deste olhar cuidadoso, sensível e disposto, entender melhor as questões que os tocam, os sensibilizam, os movem.

Qual o significado da escolarização para esses adultos? Como acontece a Educação de Jovens e Adultos – EJA? Quem são esses sujeitos? Como se vêem, como vêm esse retomar de um momento que continha outros significados, outros sentidos? Quais os mecanismos de assujeitamento e de liberação desenvolvidos por esses sujeitos neste contexto específico e quais seus desdobramentos?

Num diálogo entre Paulo Freire e Michael Foucault acreditamos que análises relevantes sobre o grupo em foco serão realizadas.

O trabalho em desenvolvimento propõe estar junto às salas de EJA neste contexto, acompanhando os alunos presos, e juntamente com eles criar uma investigação coletiva dos meandros do próprio grupo, individual e coletivamente, discutindo conceitos filosóficos e assim descobrindo como se dão os processos citados.



Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28 ed. São Paulo. Cortez, 1993.

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BRANT, Vinicius Caldeira. **O Trabalho Encarcerado**. Rio de Janeiro, Forense, 1997

BRASIL. **Lei 7.210, de 11 de Julho de 1984**, institui a Lei de Execução Penal

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

BRASIL. **Lei 10.172, de 9 de Janeiro de 2001**, aprova o Plano Nacional de Educação

BRASIL. **Plano Diretor do Sistema Penitenciário. Diagnóstico, ações e resultados**. Ministério da Justiça, Brasília, 2009.

BRASIL. **Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário da Câmara de Deputados**. Congresso Nacional, Brasília, julho de 2008

CASALI, Alípio. In, FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. São Paulo, editora UNESP, 2001, p.17-21.

CASALI, Alípio. **Saberes e Procederes Escolares: o singular, o parcial, o universal**. São Paulo, PUC, 2000.

CASALI, Alípio. Paulo Freire: **O educador na história**. Revista Educação, Sociedade e Culturas, n.10, 1998, 95-109.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes. 2000.



FASHEH, Munir. **Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos?** Tradução de Timothy Ireland. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação nº 26, p. 157-169. São Paulo. ANPED.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria.** 3.ed. SÃO Paulo, Edições Loyola, 1995.

FERRARO, Giuseppe. Filosofia e Educação. In: **Devir-criança da filosofia.** Org. Walter O. Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as coisas.** Lisboa: Portugalia, [s.d.].

_____. **História da loucura.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro. Graal, 1990a.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **O Que é um autor?** Lisboa: Vega/Passagens, 1992a.

_____. **Archivio Foucault** (Vol. 3: Estetica dell'esistenza - A cura di Alessandro Pandofi). Milano: Feltrinelli, 1994.

_____. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, RABINOW. Michel Foucault, uma trajetória filosófica..Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.



- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 1996a.
- _____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Tradução de Raquel Ramalhete. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Estratégia, Poder e Saber.** Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. **Segurança, Território, População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** 4.ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 32ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.
- _____. **Educação Como prática da Liberdade.** 23.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à pratica educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 1987.
- _____. **Política e Educação.** 3.ed. São Paulo, Cortez, 1997.
- GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire/UNESCO, 1996.



GOFFMAN, E. **Manicônios, Prisões e Conventos**, São Paulo, Perspectiva, 1974.

_____. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis. Vozes, 1985.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIDELLI, Rosângela Cristina. **A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos....** Dissertação (Mestrado). UFSCar. São Carlos, 1996.

HADDAD (Coord.), Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. p. 25-54. Série: Estado do Conhecimento.

_____. **Estado e educação de adultos (1964-1985)**. 1991. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KOHAN, Walter O. **Filosofia – o paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana**, Autêntica: Belo Horizonte, 2006

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. Tradução de Maria E. de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990a.

_____. **O Pensar na Educação**. Tradução de Ann Mary F. Perpétuo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b.

LOPES, Selva P.; SOUSA, Luzia S. **EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia?**

Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, março/2005.



MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003

MAFRA, Jason. **A conectividade do presente com a história em freire e Foucault**. Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 2, p. 36-46, jul. / dez. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referenciais para formação de professores**. Brasília. A Secretaria, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

BRASIL. **Programa brasil alfabetizado**. Disponível em:

<http://mec.gov.br/alfabetiza/default.htm>. Acesso em: 21 ago. 2011.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, P. **Filosofia para formação da criança**. São Paulo: Thomson, 2004.

_____. **Um mundo de histórias**. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004